



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano
Volcan Agostini
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:
Editora da UFPel, 2015/2016.
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

* Obra editada e publicada em dezembro de 2017

volume

21

dezembro 2016
ISSN 1516-3633

volume

22

dezembro 2016
ISSN 1516-3633

ICH - UFPEL

OPINIÃO PÚBLICA JK PORTO MST GRANDE HOTEL
 REVOLTA DOS MARINHEIROS BUENOS AIRES
 AMÉRICA LATINA JORNAL DO BRASIL
 RIO GRANDE SÃO LOURENÇO MUCKERS DO SUL
TRABALHO PIRATINI
 RAÇA FMI
 PARTEIRAS DIÁRIO POPULAR MULHERES ANTIGONA
 CATIVOS IMPRENSA
 SÓFOCLES SANTA MARIA DIREITO HISTÓRIA ORAL
 PELOTAS



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DAS AÇÕES CARITATIVAS PUBLICADAS NOS PERIÓDICOS PELOTENSES *DIÁRIO POPULAR* E *OPINIÃO PÚBLICA* (1936-1946)

SOME NOTES ABOUT THE CHARITABLE ACTIONS PUBLISHED IN THE
PERIODICALS FROM PELOTAS: *DIÁRIO POPULAR* AND *OPINIÃO PÚBLICA* (1936-
1946)

Josué Eicholz¹

Resumo: O artigo aborda as notícias relacionadas à caridade no período das décadas de 1930-1940, publicadas nos periódicos pelotenses *Diário Popular* e *Opinião Pública*, ressaltando as características de tais publicações e como eram apresentadas ao leitor. Ainda pretende-se elaborar um breve balanço historiográfico sobre a imprensa periódica e seus usos, bem como expor aspectos dos jornais pelotenses nos séculos XIX e XX, tendo como suporte bibliográfico alguns textos selecionados para este fim.

Palavras -chaves: Pelotas; caridade; periódicos locais.

Introdução

Este artigo propõe-se a levantar algumas fontes de periódicos que circulavam em Pelotas nas décadas de 1930 e 1940. O período selecionado coincide com os primeiros anos de atividade da Creche São Francisco de Paula na cidade de Pelotas. Tendo em vista este contexto, um dos objetivos do artigo será discutir de que maneira indivíduos/grupos da cidade praticavam a caridade para com tal instituição e para com outras instituições assistenciais do período e, nesse sentido, uma das principais formas de “mostrar” a ação caritativa se dá por meios da divulgação da caridade nos periódicos. Com efeito, procura-se através dessas notas de jornais um ponto de vista ancorado na ideia de que o gesto/ação de praticar a caridade necessitava ser publicizado para que a sociedade percebesse quão generosos eram aqueles indivíduos, que procuravam, com este gesto, aumentar seu status social. Este artigo constitui-se de sucintas notícias sobre dois jornais diários de Pelotas: *Diário Popular* e *Opinião Pública* nas décadas de 1930 e 1940, e como estes periódicos noticiavam a caridade efetuada por indivíduos pelotenses a instituições diversas. Aproveito, para esclarecer, que a opção pelos jornais *Diário Popular* e *Opinião Pública*, ocorreu em virtude de os mesmos estarem disponíveis para pesquisa na Biblioteca Pública Pelotense, e por serem periódicos de circulação destacada na cidade de

¹ Mestrando em História – PPGH - UFPel. E-mail: eicholz86@gmail.com

Pelotas no período delimitado para este trabalho. Dessa forma, não se pretende analisar de forma profunda os aspectos internos dos periódicos, e sim as características e formas similares e distintas das notas a respeito de donativos a instituições filantrópicas.

Ainda pretende-se elaborar alguns apontamentos sobre a história da imprensa e seus usos no Brasil, bem como identificar e comentar aspectos dos jornais pelotenses desde a segunda metade do século XIX a primeira metade do século XX, com o auxílio de bibliografia selecionada para este fim.

Imprensa periódica e jornais pelotenses

Na introdução da obra “História da imprensa no Brasil”, as autoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2012) comentam que a História do Brasil é cheia de peculiaridades. No ano em que a corte portuguesa instala-se no Rio de Janeiro, surge em Londres, na capital inglesa, o primeiro jornal brasileiro, o Correio Brasiliense. Oposicionista e crítico, o jornal elaborado na Inglaterra, porém com discussões dos problemas do Brasil, atravessava o oceano Atlântico para circular por aqui. Nos dias atuais, há títulos para todos os gostos, repertório composto de jornais novos, outros que começaram a circular ainda no Império. Há, também, variedade de preços e maneiras diversas de distribuição, que vão da entrega em semáforo a domiciliar, passando pela venda em bancas. Conforme as autoras, “a imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento, lavrada em 1808, mas também é um veículo para a reconstrução do passado” (MARTINS; LUCA, 2012, p.08).

No texto de Tania de Luca (2010), intitulado “História dos, nos e por meio dos periódicos” há um tópico sobre o conteúdo e os idealizadores dos periódicos. O que a autora escreve é de grande importância para o pesquisador de jornais, porém nesse artigo, meu escopo não é seguir rigorosamente as orientações da autora, que atenta para o fato de que:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento. [...] Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. [...] Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos. [...] Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter

publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos. [...] As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente (LUCA, 2010, p.140-141).

Possivelmente, as direções das instituições assistenciais e filantrópicas de Pelotas, no período estudado enviavam aos jornais pelotenses a relação dos donativos e dos doadores para serem publicadas, dando assim publicidade às ações de cunho caritativo. No que tange ao destaque conferido ao acontecimento, é possível inferir que as notícias relacionadas às doações fizessem parte das publicações regulares dos periódicos analisados. Quanto à identificação do grupo responsável pela linha editorial e se os mesmos possuíam ou não relações com os diretores e ou presidentes das instituições assistenciais, esta questão não foi verificada no presente trabalho.

Segundo Loner, no artigo intitulado “Jornais Pelotenses Diários na República Velha” (1998), Pelotas possuía uma elite extremamente culta e sofisticada, portanto faz sentido a cidade possuir vários periódicos circulando concomitantemente no final do século XIX e primeiros anos do século XX:

Os jornais de periodicidade diária, entretanto, por tudo que significavam quanto a custos e tiragem, normalmente configurando-se em empreendimentos de grande porte, eram em menor número, mas, mesmo assim, existiram em quantidade extremamente significativa para uma cidade que, no início da República, possuía cerca de 25.000 habitantes apenas em zona urbana, sendo que 34% desses eram analfabetos, descontados os menores de 8 anos (LONER, 1998, p.06).

De acordo com (MAGALHÃES, 2011, p.61), o jornal O Pelotense foi o primeiro a circular na cidade, fundado por Cândido Augusto de Melo em 1851. Com o passar dos anos surgiram outros, como o Brado do Sul, editado por Domingos José de Almeida, o Jornal de Pelotas, do alemão Carlos von Koseritz e também jornais humorísticos e ilustrados, como O Cabrion e A Ventarola, outros jornais como Zé povinho, também circularam em Pelotas em determinados períodos. Os jornais alvo de minhas pesquisas, originaram-se em 1890 (Diário Popular), ainda em atividade na cidade de Pelotas, e em 1896 (Opinião Pública). Quanto à diagramação, o que Loner escreve a respeito da República Velha continua a ressoar nos anos 1930 e começo dos anos 1940, pois na primeira página normalmente encontra-se notícias políticas, além das notícias de grande destaque, como por exemplo, notícias da 2ª Guerra Mundial. Na segunda página, praticamente todos os jornais tinham colunas em que

reproduziam notícias de outros órgãos da imprensa. Em relação às notícias locais, alguns periódicos preocupavam-se em relatar pequenos problemas urbanos e as demais eram colocadas, conforme seu grau de importância, no decorrer das páginas seguintes (LONER, 1998). Na análise das minhas fontes primárias pude observar que com certa frequência as notícias relacionadas à caridade encontram-se na página 02 ou na página 04 com a coluna intitulada de “Várias”.

Em relação ao Correio Mercantil, Beatriz Ana Loner traz importantes informações:

O Correio Mercantil é um dos mais antigos jornais do período, tendo sido fundado em 1/1/1875, em pleno período imperial por Antonio Joaquim Dias, imigrante português que anteriormente editara o Diário de Rio Grande, o Artista e a revista Arcádia na cidade vizinha e fundara o Jornal do Comércio em Pelotas em 1869. Antonio Joaquim Dias foi um personagem altamente polêmico. [...] Apesar de se fazer presente em várias campanhas beneméritas da cidade, como a fundação da Biblioteca Pública Pelotense e do Asilo de Mendigos, nunca teve em vida, destaque como benemérito e mesmo na Biblioteca, nunca conseguiu ser presidente da instituição, sinal evidente do desagrado em que incorria frente a elite pelotense. Entretanto, após sua morte em 1893, foi transformado em grande vulto benemérito da cidade, talvez muito por iniciativa de seu filho e sucessor no jornal, o advogado Cesar Dias, que posteriormente segue a carreira da magistratura, chegando a membro do Superior Tribunal do Estado. [...] Em suas mãos, o jornal foi abolicionista e depois republicano, mas sempre com posições moderadas e conservadoras, sem partidarismo explícito (LONER, 1998, p.08-09).

Antonio Joaquim Dias foi um dos que lutaram pela construção do Asilo de Mendigos de Pelotas, publicando no seu periódico apelos aos cidadãos pelotenses para que estes contribuíssem de alguma forma para com a construção daquele asilo. Infere-se que Antonio Joaquim Dias foi um indivíduo caritativo, provavelmente com algum interesse em projetar-se socialmente.

Já o jornal Diário Popular, cuja data de fundação remonta a 27 de agosto de 1890, segundo Beatriz Ana Loner, o periódico em questão será o jornal oficial do Partido Republicano Rio Grandense em Pelotas durante toda a República Velha. Mesmo que tenha sido fundado para ser independente de qualquer partido, poucos meses depois foi vendido ao PRR. Conforme Loner:

Favorecido por ser o órgão oficial, será o primeiro a abandonar o pequeno número de 04 páginas, insuficientes para acomodar todas as notícias e especialmente avisos, editais e outros tipos de publicações. [...] Depois de 30, entretanto, perderá seu posto de jornal oficial para o Diário Liberal, tendo inclusive suspensa sua circulação durante alguns meses devido a publicação de um poema – de péssima qualidade – de um colaborador desconhecido em sua última página. [...] Com a implantação do Estado Novo em 1937, sofreu uma interrupção provisória de sua circulação, até se adaptar as novas leis impostas pelo regime

ditatorial sobre os jornais (LONER, 1998, p. 12).

Conforme Tania de Luca (2012), foi a partir do Estado Novo que o projeto cultural e político do regime dispuseram dos meios necessários para sua propagação em ampla escala. De fato, desde então houve importante investimento para criar e difundir uma imagem positiva do regime, para o que era fundamental subordinar os meios de comunicação de massa ao executivo federal. Comprometia-se, portanto, a liberdade de expressão e equipavam-se os agentes do Estado de meios legais para punir os infratores. Tentava-se tanto cercear a divulgação daquilo que não fosse do interesse do poder quanto destacar as atuações do regime, sem esquecer-se da promoção pessoal e política do chefe do governo. Frente à nova ordenação jurídica, periódicos foram obrigados a se registrar no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e as estimativas indicam que cerca de 30% não conseguiram obter a necessária autorização e deixaram de circular. De acordo com a citação acima de Loner, infere-se que o Diário Popular acabou tendo que se adequar as normas e legislação do regime de exceção para continuar circulando na cidade de Pelotas.

Sobre o jornal Opinião Pública Beatriz Ana Loner faz algumas considerações importantes:

O fato de ser um jornal consolidado e respeitado na cidade, possuindo clientela fixa e, ao mesmo tempo, estar disponível para arrendamento, tornou este jornal singular dentro do contexto pelotense da República Velha. Em primeiro lugar, porque permitia a qualquer grupo político ou empresarial com capital suficiente para bancar suas pretensões promover suas ideias, sem ter que passar pela fase inicial de implantação de um jornal, fase extremamente árdua e que normalmente termina produzindo periódicos natimortos. Ao contrário, sendo um órgão já tradicional, incorporado aos costumes da cidade – entre eles o de ler o jornal – A Opinião Pública permitia a rápida difusão das ideias do novo grupo dentro de cada lar e de cada empresa da cidade. Assim, ele é um novo espaço à disposição de quem tem dinheiro e um projeto a veicular (LONER, 1998, p.14).

A caridade publicada nos jornais

Uma das possíveis formas de retribuição ocorridas ao efetuar a caridade, principalmente relacionadas àquelas pessoas pertencentes a alguma elite local, era ter seu nome, o sobrenome de sua família escrito nas páginas dos periódicos, demonstrando assim que a visibilidade e o destaque conferido ao indivíduo caritativo, na maioria dos casos eram importantes para a sociedade do período, e também era uma prática regular dos periódicos locais, das décadas de 1930-1940, anunciar em suas páginas os nomes de indivíduos e instituições vinculadas à caridade.

Neste tópico veremos algumas notícias relacionadas à caridade. Antes, é importante buscar alguma definição a respeito de caridade e filantropia. Nesse sentido, Cláudia Tomaszewski (2007, p.145) contribui argumentando que caridade refere-se a um sentimento religioso, que através da prática do cristão, este obteria a salvação. Já a filantropia é uma forma de apoio aos pobres secularizada onde o bem da humanidade seria o principal interesse.

Outro aspecto bem observado por Tomaszewski é a relação de mão dupla entre a caridade e a retribuição esperada pelo indivíduo caritativo:

As vantagens espirituais após a morte seriam: missas rezadas em favor da alma; enterros com acompanhamento dos irmãos, menções escritas, retratos no salão de Honra (o que poderia acontecer também em vida). As vantagens em vida seriam: menção das doações e serviços nos relatórios da irmandade (documentos públicos); jornais, e demais textos escritos, posição privilegiada em eventos como missas, inauguração/colocação de pedra fundamental de obras públicas e de outras associações, prestígio entre os irmãos da Santa Casa (TOMASZEWSKI, 2007, p.117).

Com efeito, Tomaszewski aponta que há nas narrativas uma oposição entre aqueles que doam e aqueles que são necessitados e recebem as doações como uma caridade. “Estes são os desvalidos da fortuna, os ‘indigentes’, os ‘pobres infelizes’ os que devem ser objeto da caridade pública” (TOMASZEWSKI, 2007, p.137).

Para Bourdieu faz-se necessário questionar os interesses que os agentes podem ter em fazer o que fazem, ao falar do desinteresse, o autor disserta o seguinte:

É possível uma conduta desinteressada e, se é, como e em que condições? Se permanecermos em uma filosofia da consciência, é evidente que só podemos responder negativamente à questão e que todas as ações aparentemente desinteressadas esconderão intenções de maximizar alguma forma de lucro. Ao introduzir a noção de capital simbólico (e de lucro simbólico), de certa maneira, radicalizamos o questionamento da visão ingênua: as ações mais santas [...] poderão ser sempre suspeitas (e historicamente o foram, por certas formas extremas de rigorismo) de ter sido inspiradas pela busca do lucro simbólico de santidade ou de celebridade (BOURDIEU, 2011, p.150).

Falarei ainda que de forma sucinta sobre o termo/conceito de elite, pois historicamente os gestores e doadores de instituições assistenciais pertenciam às elites locais, o que provavelmente irá se confirmar no decorrer do meu trabalho de dissertação, ao pesquisar os agentes benfeitores e caritativos e suas relações com algumas instituições assistenciais e filantrópicas de Pelotas no período de 1936-1946. Segundo Lorena Monteiro, “o termo elite se refere, de forma geral, e um tanto imprecisa, àqueles indivíduos pertencentes aos grupos melhores

situados na estrutura social como um todo” (MONTEIRO, 2009, p.25).

Para Heinz:

As elites são definidas pela detenção de certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual, e o estudo das elites seria um meio para determinar ‘quais os espaços e mecanismos do poder nos diferentes tipos de sociedade ou os princípios empregados para o acesso às posições dominantes. (HEINZ apud COSTA; GOUVÊA, 2007, p.252).

Segundo Cláudia Tomaschewski, aquele que doa espera algo em troca, e uma das formas das instituições agradecerem pelos donativos recebidos, era dar visibilidade, e esta visibilidade poderia ser através de uma lista de doadores publicada nos jornais.

No modelo da reciprocidade [...], aquele que doa espera algo em troca: há a necessidade de dar, de receber e também de retribuir. No caso da doação aos pobres é necessário haver uma intermediação entre os ricos e os pobres, pois estes últimos não estão em condições de retribuir nem em bens materiais, nem em bens espirituais. Em troca das dádivas a instituição realiza uma série de ritos para dar visibilidade àqueles que dão. Entre os atos de agradecimento mais comuns estavam os ofícios enviados pela instituição, a menção dos nomes em relatórios, as listas de doadores nos jornais. Porém aos chamados Grandes Benfeitores eram concedidas honorárias mais elaboradas como a concessão do título, e posterior inauguração de retrato no salão de honra. Comumente estes também tinham seus nomes dados às enfermarias do hospital. Outra forma de destaque para os benfeitores da Misericórdia seria o fato de ter o seu nome ligado a uma grande obra, como a construção de hospital ou igreja, neste caso o indivíduo teria um lugar privilegiado em uma cerimônia pública (TOMASCHEWSKI, 2007, p.139).

Conforme Larissa Chaves, a caridade está relacionada com a aparência, com a visibilidade e com o poder, podendo a mesma ser compreendida como uma forma de poder:

A caridade também é o elemento da aparência. Não há caridade efetuada se ela não pode ser mostrada para o público. Não há assistência se ela não ficar evidenciada pelo poder que emana. E é nesse sentido, que funciona também como forma de poder, porque é realizada para que o outro a compreenda enquanto poder. E da mesma maneira, entidades assistenciais funcionariam como suporte para que este tipo de ação se sobreponha constantemente (CHAVES, 2008, p.236).

Nessa perspectiva teórica, a seguir serão analisadas algumas notícias relacionadas a doadores e instituições, conectadas com a caridade na cidade de Pelotas. A primeira se refere ao Asilo de Órfãos São Benedito:

ASILO DE ORFÃS SÃO BENEDITO – A este estabelecimento de caridade, foram feitos os seguintes donativos: Trajano Burck, 50\$; Joaquim F. Passos, 30\$; Vicente Passos, 20\$; Satiro Passos, 10\$; Anônimo, 5\$; Livraria do Globo, 37

lousas e 60 Tico-Ticos; Hugo Kruger, 1 pacote com balas sortidas; Lamego Irmão e Cia, 3 quilos de café; Carpena e Irmão, 3 quilos de café; Curt Rheingantz e Caruccio, 500 tijolos; Jacob de Boer, 1 cacho de bananas. Para o corrente mês, foi empossado mordomo, o sr. Henrique Loréa (*DIÁRIO POPULAR*. 6 de setembro de 1936).

A instituição alvo da ação benemerita, era o Asilo de Órfãs São Benedito. Percebe-se doações em dinheiro de pessoas físicas, uma doação anônima, e doações de empresas como a Livraria do Globo, doações efetuadas através de produtos. Este artigo não pretende identificar de forma detalhada quem eram os doadores que constam na notícia do periódico *Diário Popular*, isto será feito em outro momento, provavelmente no trabalho de dissertação, pois será de grande valia identificar se os indivíduos filantropos pertenciam ou não há algum grupo elitista da cidade de Pelotas.

Outro Asilo de Órfãs, sempre lembrado pelos indivíduos e/ou grupos caritativos da cidade de Pelotas é a instituição Nossa Senhora da Conceição, reforçando assim a pluralidade de instituições contempladas com donativos diversos. Em outra notícia vinculada no *Diário Popular* em setembro de 1936, percebemos que a caridade desta vez é direcionada a outro estabelecimento, nas palavras do periódico: “pio”. Também se verifica o destaque conferido ao mordomo, sempre um posto de destaque nas instituições de caráter filantrópico, sendo ele também um indivíduo caritativo, sendo ativo nas doações à instituição da qual atua.

ASILO DE MENDIGOS – Relação dos donativos feitos a esse pio estabelecimento durante o mês de agosto, cujo mordomo foi o sr. Dr. Carlos Zorrila Rosselli.

Fabr. Flor, Irmãos Oliveira, 3k de café; anônima, roupa usada; Patronato Agrícola; um cesto de limões; João Meyer, uma sacola de laranjas; anônimo, 1200 bergamotas; Pedro Vieira, 1 s. de torradas; João Schild e Cia. 30k de arroz; Ferreira e Irmão, 1 s. de batatas inglesas, valor 15\$; Armazém Nova França, 2 k de feijão; Armazém Borges, Joaquim Anselmo, batata doce; I. Eeikes, 5 k de sabão; Alvaro dos Santos Farias, 12 latas de vinagre; A.B. Pereira ½ s. de lentilhas; Araujo e Cia, 3 k de bolachas, Ambrosio Perret e Cia, 2 mudas de Bongainville e 2 mudas de roseiras; Fany Dias, 5\$; Rocha Mota, 2\$. Mordomo do mês, sr. Dr. Carlos Zorrila Rosselli, 1 peça de isca, 12 pedras de isqueiros e papel para cigarros (*DIÁRIO POPULAR*. 15 de setembro de 1936).

O Asilo de Mendigos é constantemente beneficiado por doações diversas e motivos, também diversos, em 25 de setembro de 1936, o periódico *Diário Popular* noticiou o seguinte:

DONATIVOS – A Exma. Sra. d. Tereza Marquese de Aguiar, em homenagem a memória de sua saudosa mãe, faz, por nosso intermédio, o donativo de 10\$000 ao Asilo de Mendigos, cuja importância fica a disposição do tesoureiro daquela

instituição. – Um anônimo em homenagem a uma data que lhe é cara, fez, por nosso intermédio, o donativo de 5\$000 para a Sra. d. Maria Joaquina do Amaral, nossa protegida e residente a rua capitão Cicero n.156 (*DIÁRIO POPULAR*. 25 de setembro de 1936).

Percebe-se a importância que algumas famílias nutriam pela homenagem póstuma ao ente querido sob a forma de doação de algum valor financeiro a alguma instituição, no caso da fonte acima, o Asilo de Mendigos. É provável que a pessoa falecida, quando em vida possuísse o hábito caritativo para com os assistidos pelo Asilo de Mendigos.

Abaixo mais uma notícia, cujo escopo da caridade é a homenagem à memória, a doação é efetuada por um pai, como forma de homenagem à memória do filho falecido.

Associação Mães Cristãs
Donativo do cel. Joaquim Assunção
Em homenagem á memoria de seu inesquecível filho, o humanitário dr. Mario Bordagorri de Assunção, o cel. Joaquim Augusto de Assunção, entregou a benemérita Associação Mães Cristãs, o valioso donativo de um conto de reis para ser distribuído entre 100 viúvas pobres. (*OPINIÃO PÚBLICA*. 28 de maio de 1940, p. 04).

Em outra notícia, publicada pelo periódico Diário Popular, verifica-se quão abrangente era as doações no que tange a estabelecimentos assistenciais, pois a família, após a morte de seu ente querido efetuava vários donativos, cada um direcionado a uma instituição específica:

DONATIVOS – Por disposição do saudoso major João Alves da Silveira, falecido, quarta-feira última, nesta cidade, foram entregues pela sua esposa Exma. Sra. d. Maria Alves da Silveira, os seguintes donativos: Santa Casa de Misericórdia, 1:000\$; Asilo de Mendigos, 500\$000; Asilo de órfãs N.S. da Conceição, 500\$000; Creche São Francisco de Paula, 200\$000. (*DIÁRIO POPULAR*. 23 de julho de 1940).

Na notícia supracitada, verificamos a diversidade de instituições que eram contempladas através de donativos financeiros. De certo havia conexões entre as instituições assistências de Pelotas, e uma conexão perfeitamente possível se dá através do mecanismo da caridade, de uma maneira geral, todas as instituições bebiam da fonte da caridade pelotense. A citação abaixo corrobora com essa linha de pensamento:

As relações de poder perpassam as ações de caridade estabelecidas e pré-estabelecidas. As relações políticas e sociais que as Instituições estudadas mantêm com outras entidades locais [...] na maioria das vezes se desenvolviam a partir da caridade, indicando peças chave de um tecido de estratégias políticas de alternância de exercício de poder. Isto significa que, muitas vezes, a concessão de

favores pode indicar relações de dependência, ou mesmo de reconhecimento e retribuição [...] (CHAVES, 2008, p.231).

As doações para instituições assistenciais, após a morte de algum familiar e ou amigo eram incentivadas pela sociedade. Também o periódico *Diário Popular* através de um texto de Humberto de Assis (*Diário Popular*. 31 de maio de 1940, p.3)., incentivava esta forma de caridade. Já no começo de sua crônica, o autor menciona a satisfação com que o mesmo se depara com as notícias em periódicos locais de donativos feitos à caridade, contribuições realizadas em homenagem a memória de pessoas que faleceram. Logo após cita o Padre Búcher, recentemente falecido em Pelotas, a quem chama de “bondoso sacerdote católico” mencionando as suas boas ações realizadas em vida, entre elas a fundação do colégio Gonzaga, e ainda de forma sutil sugere que algum escritor deveria biografar a sua vida. Percebemos aí uma clara relação entre religião e o estímulo à prática de boas ações/ gestos generosos para com o próximo.

O autor da crônica prossegue, dizendo que não se deve enfeitar o túmulo do ente querido, nem destinar flores para enfeitar cemitérios, porém, estas deveriam ser utilizadas apenas para celebrar bons momentos. Logo após, questiona o leitor, se há algum mau em homenagear os mortos com flores, respondendo o seu próprio questionamento, ele diz que não haveria se não houvesse pessoas sentindo frio, fome, etc., fatores que ocasionam a existência de orfanatos, asilos e creches. Com isso, Humberto de Assis procura estimular o leitor a substituir as flores destinadas à memória dos mortos por doações a instituições caridosas de Pelotas. Abaixo o texto transcrito do periódico *Diário Popular*, cuja circulação ocorreu em 31 de maio de 1940:

Caridade, virtude fácil.

É sempre com grande satisfação que, ao passar, diariamente, revista no noticiário dos jornais da terra, leio, às vezes, a informação de donativos feitos aos pobres, em memória de pessoas que morreram. E é sobre esse modo de fazer caridade, que farei a crônica de hoje. [...] Nesses transe dolorosos da vida, nos momentos que sucedem ao desenlace, nos dias seguintes, nos meses, nos anos que se seguem, o parente ou o amigo que fica procura tornar sempre viva aquela saudade e expressa-a cobrindo de flores o féretro e enfeitando com flores o túmulo onde ficou enterrado o corpo inerte e frio. E as flores, essa maravilha da natureza que deveriam ser apenas expressão de alegria, indicam dor e lágrima, morte, desventura, aflição. E se enfeitássemos os cemitérios só com ramalhetes ou galhos dispersos da flor que chamamos saudade...mas, não! [...] Mas, parece-me ouvir a tua pergunta, leitor – que tem de mau este costume da nossa gente? Que danos poderá causar o fato de se mandar flores para os mortos? E eu respondo antecipadamente: não há mal algum. Não haveria, aliás, se não tivéssemos o frio e a fome, se não houvesse a pobreza e o crime, fatores estes que promovem a existência de asilos e orfanatos, que pedem auxílio e a caridade, que enchem de

crianças as creches e proporcionam ao transeunte despreocupado, parar repentinamente e retirar duma sarjeta o corpo nú de um recém-nascido. Para que existam as casas de caridade, é necessário o auxílio do povo, ou melhor, de todos aqueles que puderem ajudar. “Não posso”, dizem muitos. “bem que eu gostaria de fazer um donativo ao asilo, mandar alguma coisa para a creche” não podem... Mas, se no dia seguinte, morrer um amigo, lá se vão vários mil réis gastos em flores, inutilmente, sem valor para o extinto: manda-as somente porque os outros mandam também.

E se há sentimento de saudade nesse ato, porque não o haverá se a mesma importância for enviada a uma casa de caridade, a uma família pobre, a um doente? Não seria muito útil, muito mais significativa essa homenagem que ao morto se quer prestar?

Chamem-me herege e desrespeitador da saudade, julguem-me pregador de uma ideia absurda e sem valor, e eu crente, respeitoso, ciente do valor que a ideia encerra (haverá alguém que duvide do valor da caridade. Mantereí meu ponto de vista que já lançado uma vez, eu sinto – pretensão de eronista – que aos poucos, parece frutificar (Diário Popular. 31 de maio de 1940, p.3).

Apesar de extensa, a citação mencionada acima é importante para compreender o valor conferido à caridade numa determinada sociedade em um recorte temporal específico.

Outra forma de retribuição pela caridade praticada, outra forma de homenagem pelas ações generosas efetuadas para com alguma instituição caridosa, se dá através da inauguração do retrato do indivíduo benfeitor (a). Ação bastante costumeira, realizada pela administração de Asilos, Creche, Hospitais da cidade de Pelotas, como percebemos na notícia vinculada no periódico Diário Popular, na data de 29 de junho de 1940, sob o título de “Festas – São João”. No texto que possui caráter informativo e principalmente convidativo, a diretoria do Asilo de Mendigos de Pelotas convida a sociedade em geral para prestigiar a tradicional festa do padroeiro do Asilo, a programação do evento conta com missa festiva, almoço, sessão solene, etc. Chamo a atenção para o destaque conferido na programação para a inauguração do retrato “da grande benfeitora Exma. Sra. d. HAYDE’ BORDAGORRY DE ASSUNÇÃO”. A seguir o texto na íntegra:

Asilo de Mendigos
Festas – São João

A Diretoria do Asilo de Mendigos de Pelotas, tem a maior satisfação de convidar as autoridades Cívicas, Militares e Eclesiásticas, Associações, Senhores sócios e finalmente ao público em geral, para assistirem as tradicionais festas do padroeiro deste Asilo que se realizarão de conformidade com o programa abaixo, no dia 30 do corrente mês.

PROGRAMA

Missa festiva às 9 horas da manhã, em honra ao padroeiro deste Asilo. Vocalizará a AVE MARIA, de Gounoud, a grande cantora patricia, Sra. Alexandrina Ramalho.

Almoço melhorado que será servido pelos membros da Diretoria e exmas.

Famílias, às 11 horas da manhã.

Sessão Solene – às 14 horas. Discursará sobre a CARIDADE o orador da presente Diretoria, ilustre advogado Dr. Lélío Martins Falcão.

INAUGURAÇÃO do retrato, na Galeria Nobre – da grande benfeitora Exma. Sra. d. HAYDE' BORDAGORRY DE ASSUNÇÃO.

INAUGURAÇÃO – das placas nas salas: Dr. Francisco Simões e Pedro Luis Osório, grandes benfeitores e Ex-Presidentes.

Fará oração análoga a este ato, o Sr. Dr. Nede Lande Xavier.

Chá, doces, etc, serão oferecidos aos recolhidos às 15 horas.

GRANDE HORA DE ARTE – no Salão Nobre, às 15 ½ horas, organizada pelo projecto distinto Prof. Milton de Lemos, digno Mordomo da actual diretoria.

Pelotas, 26 de junho de 1940.

ALBIO BARCELOS XAVIER – 1º secretário. (DIÁRIO POPULAR. 29 de junho de 1940).

Notícia similar a anterior foi publicada em maio de 1944 no jornal Opinião Pública, a matéria dá ênfase à colocação de retrato do saudoso pelotense, Ildefonso Simões Lopes, na galeria dos grandes benfeitores do Asilo de Órfãs São Benedito:

Asilo de Órfãs São Benedito

Homenagem ao Dr. Ildefonso Simões Lopes

Concessão de Títulos Honoríficos

Domingo último, realizou-se concorrida sessão de assembleia geral do Asilo de Órfãs São Benedito. Em reconhecimento aos grandes serviços prestados ao instituto pelo saudoso pelotense, Dr. Ildefonso Simões Lopes, foi resolvido a colocação de seu retrato na galeria dos grandes benfeitores, cerimônia que terá lugar, a 13 do corrente, na sessão comemorativa do 43º aniversário da instalação do estabelecimento sendo orador o ilustre conterrâneo, sr. dr. Joaquim Luiz Osorio. (OPINIÃO PÚBLICA. 4 de maio de 1944, p. 06).

Segundo Magalhães, “Pelotas já foi cognominada cidade da caridade” (MAGALHÃES, 2011, p.18). Na notícia abaixo, verificamos um apelo à alma cristã e caridosa dos pelotenses, o texto solicita donativos às crianças assistidas pela Creche São Francisco de Paula que completara um ano de atividade no mês de junho de 1937:

Uma criança abandonada é um pedaço da própria Pátria que chora. Temos em Pelotas muitas crianças abandonadas e sem carinho. Auxiliai a Creche S. Francisco de Paula enviando o vosso óbolo á Avenida Bento Gonçalves 153. Telefone 1986 (DIÁRIO POPULAR. 12 de outubro de 1937).

No jornal Opinião Pública, de 31 de maio de 1940, encontramos em uma de suas páginas um texto publicado a pedido da diretoria do Asilo de Órfãs São Benedito, a referida instituição convida os familiares, amigos, para assistirem a missa direcionada á alma de uma pessoa importante para aquele estabelecimento, provavelmente alguém que em vida contribuiu com o Asilo

São Benedito. É possível concluir, que a realização da missa também era uma forma de retribuição praticada pelas instituições assistências e de certa forma esperada pela família do indivíduo que ao longo de sua vida praticou ações caridosas. Outro aspecto observado nas pesquisas é a existência de capelas no interior de algumas instituições assistências/ beneméritas de Pelotas. Há este tipo de espaço na Creche São Francisco de Paula, demonstrando assim um padrão religioso, o da religião cristã.

No decorrer desse capítulo, buscou-se através de algumas notícias sobre doações e ou caridade, demonstrar o perfil desses textos, como os mesmos eram publicados nos periódicos locais e suas características.

Considerações finais

Tendo a plena consciência das limitações desse artigo, penso ser importante frisar, que meu objetivo maior foi expor as notícias relacionadas à caridade nos periódicos pelotenses *Diário Popular* e *Opinião Pública* nas décadas de 1930 e 1940 e também apresentar algumas ideias/comentários de autores que dissertaram sobre os jornais no Brasil e mais especificamente em Pelotas, não sendo, portanto o objetivo desse breve texto, construir ideias profundas sobre jornais e sobre as notícias relacionadas à caridade, contidas nos periódicos aqui analisados. Vimos que a caridade publicada nos jornais abarcava as mais diversas instituições de cunho assistencial na Pelotas dos anos 1930-1940, e que não só pessoas físicas, mas também jurídicas enviavam donativos, e que estes donativos na maioria das vezes eram sob a forma de dinheiro, mas nem sempre. Em alguns casos eram gêneros alimentícios e produtos diversos. Foi possível identificar que as doações possuíam motivações pessoais, como no caso, por exemplo, de ser feita em memória de um ente querido falecido. Verificou-se, ainda, que a caridade era solicitada e estimulada, seja através de crônicas ou de pedidos de donativos. Os estudos sobre Assistência e Caridade vêm sendo cada vez mais e melhor explorados e este artigo se propôs a apontar algumas possibilidades de pesquisa para a área, com foco na cidade de Pelotas.

Fontes de jornais

- Diário Popular.** Pelotas. Ano XLVII, N. 198, 6 de setembro de 1936. BPP.
- Diário Popular.** Pelotas. Ano XLVII, N. 203, 15 de setembro de 1936. BPP.
- Diário Popular.** Pelotas. Ano XLVII, N. 212, 25 de setembro de 1936. BPP.
- Diário Popular.** Pelotas. Ano XLVIII, N. 216, 12 de outubro de 1937. BPP.
- Diário Popular.** Pelotas. 31 de maio de 1940. BPP.
- Diário Popular.** Pelotas. Ano L, N. 151, 29 de junho de 1940. BPP.
- Diário Popular.** Pelotas. Ano L, N. 171, 23 de julho de 1940. BPP.
- Opinião Pública.** Pelotas. N. 128, 28 de maio de 1940. BPP.
- Opinião Pública.** Pelotas. 31 de maio de 1940. BPP.
- Opinião Pública.** Pelotas. Ano XLVII, N. 290, 4 de maio de 1944. BPP.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação.** 11ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- CHAVES, Larissa Patron. **“Honremos a Pátria!” As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910).** 2008. Tese (Doutorado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós – Graduação / Programa de Pós – Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/honremos%20a%20patria.pdf>> Acesso em: 04 set. 2015.
- COSTA, Luiz Domingos; GOUVÊA, Julio Cesar. Elites e Historiografia: Questões teóricas e metodológicas. **Revista Sociol. Polít**, Curitiba, n. 28, p.251-255, jun. 2007.
- LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses na República Velha. **ECOS REVISTA**, Pelotas, 2(1), p.05-34, abril, 1998.
- LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In MARTINS, Ana Luiza; _____. (Org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luíza. Pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: _____; _____. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. Porto Alegre: Ardotempo, 2011.

MONTEIRO, Lorena. Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, Jan./Jun. 2009.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência**: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas - RS (1847-1922). 2007. 257 p. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007

Abstract: This article discusses the news related to charity in the period of the decades of 1930-1940, published at the pelotenses periodicals *Diário Popular* and *Opinião Pública*, emphasizing the characteristics of such publications and how they were presented to the reader. It also aims to elaborate a brief historiographical assessment of the periodical press and its use, as well expose aspects of newspapers from Pelotas in the nineteenth and twentieth centuries, with the bibliographical support of some selected texts for this purpose.

Keywords: Pelotas; charity; local newspapers.
